



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
CAMPUS IV- DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

ANDREIA VIEIRA DOS SANTOS GOMES

**O CONTO MARAVILHOSO E A CRÍTICA SOCIAL NO BRASIL: o legado de
Murilo Rubião**

CATOLÉ DO ROCHA-PB
2024

ANDREIA VIEIRA DOS SANTOS GOMES

**O CONTO MARAVILHOSO E A CRÍTICA SOCIAL NO BRASIL: o legado de
Murilo Rubião**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Português.

Orientador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo.

**CATOLÉ DO ROCHA- PB
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633c Gomes, Andreia Vieira dos Santos.
O conto maravilhoso e a crítica social no Brasil [manuscrito]
: o legado de Murilo Rubião / Andreia Vieira dos Santos
Gomes. - 2024.
33 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo,
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. Literatura. 2. Social. 3. Fantástico. 4. Realismo. I. Título

21. ed. CDD 869.9301

ANDREIA VIEIRA DOS SANTOS GOMES

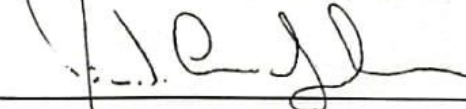
**O CONTO MARAVILHOSO E A CRÍTICA SOCIAL NO BRASIL: o legado de
Murilo Rubião**

Aprovado em: 19/11/2024

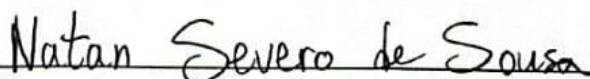
BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo
UEPB – CCHA/DLH



Examinador: Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima
UEPB – CCHA/DLH



Examinador: Prof. Esp. Natan Severo de Sousa
UEPB – CCHA/DLH

Com todo carinho e gratidão, dedico este trabalho à minha família, que sob muito sol, me fizeram chegar aqui pela sombra.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão, primeiramente, a Deus, pois foi quem segurou minhas mãos quando eu despencava em um abismo de incertezas e me deu forças para continuar.

À minha família, em especial aos meus pais, Arteilma e Antônio, minha irmã Adriana e minha tia Arterimar, que não mediram esforços para que eu pudesse concluir minha graduação e me apoiaram incansavelmente durante todo o percurso.

Ao meu orientador, Fábio Pereira, que contribuiu significativamente não só para a construção desta pesquisa, mas também para toda a minha formação acadêmica com seus valiosos ensinamentos, sou muito grata por isso.

Também expresso minha gratidão a todos os meus colegas e amigos de graduação, os quais desempenharam um papel muito importante me apoiando, ou simplesmente me fazendo rir nas horas tensas.

Agradeço também à minha amiga, Danielly, que me apoiou incansavelmente desde o início da graduação, sua ajuda foi fundamental e sou muito grata por isso.

Também expresso minha gratidão a todos os professores da UEPB, cada ensinamento contribuiu para que eu pudesse chegar onde estou, minha eterna gratidão a vocês.

Aos funcionários da universidade, meu sincero agradecimento. Em especial, a Neto e a Sandra que desempenham suas funções de forma excepcional e fazem do Campus um lugar especial.

À minha ex-professora e amiga, Daliane, que desde o ensino médio tem me motivado constantemente e nunca mediu esforços para me ajudar no que fosse preciso, sou imensamente grata por tanto.

Aos meus alunos da ECIT São Bento, que compartilharam comigo o momento mais difícil da minha carreira acadêmica e sempre expressavam apoio e palavras positivas, agradeço muito por isso.

Por fim, expresso minha gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão deste trabalho e para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

“Uma mente necessita de livros da mesma forma que uma espada necessita de uma pedra de amolar para se manter afiada”.
(Martin, 2015, p.90)

RESUMO:

A literatura proporciona inúmeras experiências ao leitor, que podem ser experimentadas através de textos realistas, ficcionais, fantásticos etc. A literatura fantástica no Brasil teve seu lugar de destaque a partir da iniciativa de Murilo Rubião, que passou a escrever contos de cunho fantástico, ao mesmo tempo que se apropriava de temas cotidianos para tecer críticas sociais. Partindo disso, essa pesquisa propõe a análise do conto “Bárbara” do escritor em questão Murilo Rubião, que trata de temas como desejo e consumismo. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar os aspectos concernentes à escola literária do “realismo mágico” como vetor de denúncia da realidade social. Especificando destacar a importância do “realismo mágico” para a divulgação da literatura latino-americana no mundo; lançar luzes sobre a poética de Murilo Rubião; e desenvolver uma leitura humanística da obra em questão. Tendo em vista isso, esse trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, cujas referências teóricas são: Candido (2010); Chiampi (2008); Gotlib (2006) e Todorov (1975). A partir da realização da pesquisa foi possível perceber que a literatura fantástica inserida no Brasil por Murilo Rubião assume um papel importante para a discussão de temas sociais que permeiam a realidade cotidiana.

Palavras-chaves: Literatura, Social, Fantástico, Realismo.

ABSTRACT

Literature offers readers countless experiences, which can be explored through realistic, fictional, fantastical texts, among others. In Brazil, fantastic literature gained prominence through the efforts of Murilo Rubião, who began writing short stories with a fantastical nature while incorporating everyday themes to weave social critiques. Building on this, the current research proposes an analysis of the short story “Bárbara” by Murilo Rubião, which addresses themes such as desire and consumerism. From this perspective, the general objective of this study is to examine the aspects of the “magic realism” literary school as a vehicle for exposing social realities. Specifically, it aims to highlight the importance of “magic realism” in promoting Latin American literature worldwide, to shed light on Murilo Rubião’s poetics, and to develop a humanistic reading of the work in question. In light of this, this research constitutes a bibliographic study with a qualitative approach, drawing on the theoretical references of Candido (2010); Chiampi (2008), Gotlib (2006) and Todorov (1975). Through this research, it became evident that the fantastic literature introduced to Brazil by Murilo Rubião plays an important role in discussing social themes that permeate everyday reality.

Keywords: Literature, Social, Fantastic, Realism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MURILO RUBIÃO, UM ESCRITOR POR EXCELÊNCIA.....	12
3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA UMA LEITURA CRÍTICA DE BÁRBARA.....	16
4. BÁRBARA, A MULHER QUE GOSTAVA APENAS DE PEDIR	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
ANEXO.....	31

1. INTRODUÇÃO

Murilo Rubião é apontado pela crítica literária como o precursor do realismo mágico no Brasil, seus contos apresentam situações e personagens inseridos em um contexto mágico ou maravilhoso. Assim, sua primeira obra foi recebida com estranheza pelos leitores e pela crítica, devido a sua maestria em fazer o absurdo penetrar na realidade cotidiana, subvertendo-a e lançando novos olhares sobre temas consagrados da literatura, como o desejo, o amor e a falta de sentido do mundo.

Bárbara, um de seus contos mais conhecidos, publicado pela primeira vez em 1945, descreve de forma muito clara, e ao mesmo tempo fantasiosa, a temática do desejo e da ambição de uma mulher que “pede e engorda”. No decorrer de toda a narrativa, a personagem faz pedidos absurdos ao marido, e a cada pedido, engorda mais ainda, chegando a assumir uma proporção física incomum.

A realização dessa pesquisa se justifica, primeiramente, por uma admiração pessoal pelo universo fantástico, e também, por conseguir visualizar a necessidade de desenvolver pesquisas sobre a literatura fantástica, atribuindo-lhe seu lugar de valor na literatura brasileira, e a problemática se dá pelo seguinte questionamento: de que forma o fantástico de Murilo Rubião tece críticas sociais relevantes para a sociedade?. O conto *Bárbara*, tem uma contribuição significativa para a literatura nacional, visto que sua temática retrata uma realidade muito pertinente tanto para a sociedade da época, quanto para a sociedade contemporânea.

Além disso, há uma intenção de valorizar e tentar perpetuar a importância do autor. Murilo Rubião percorreu o universo fantástico aventurando-se nele antes mesmo de o gênero entrar em voga entre os escritores latino-americanos, essa característica precursora torna o autor um dos principais nomes da literatura brasileira, o que o torna merecedor de destaque entre os escritores nacionais.

Dessa forma, os procedimentos metodológicos desta pesquisa se enquadram em uma abordagem bibliográfica de cunho qualitativo. Os alicerces que permeiam esse trabalho são autores como Candido (2010) que discorre acerca da relação entre literatura e sociedade, analisando o vínculo entre obra e o ambiente; Chiampi (2008) e suas considerações acerca do realismo maravilhoso; Gotlib (2006) com seus estudos fundamentais sobre o gênero “conto” e Todorov (1975) que discorre acerca da introdução à literatura fantástica.

A obra de Murilo Rubião é marcada em sua totalidade por combinar o fantástico e a realidade cotidiana, sendo perceptível, assim, observar uma profunda preocupação em inserir aspectos sociais em sua narrativa. Candido (2010) se debruça sobre a relação entre literatura e sociedade, afirmando que:

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (Candido, 2010, p.29)

Candido, observando essa relação intrínseca entre a obra literária e fatores sociais, ainda acrescenta que a própria obra tem seu valor atribuído nessa inserção do social. “O conteúdo social das obras, geralmente com base em motivos de ordem moral ou política, redundando praticamente em afirmar ou deixar implícito que a arte deve ter um conteúdo deste tipo, e que esta é a medida do seu valor.” (Candido, 2010, p.29)

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os aspectos concernentes à escola literária do “realismo mágico” como vetor de denúncia da realidade social. Nos objetivos específicos, temos: destacar a importância do “realismo mágico” como fator preponderante para a divulgação da literatura latino-americana no mundo; lançar luzes sobre a poética de Murilo Rubião e desenvolver uma leitura humanística da obra em questão.

Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa está organizada em 4 capítulos: o primeiro é intitulado “Murilo Rubião, um escritor por excelência”, no qual apresentará detalhes sobre autor e obra. O segundo capítulo intitulado de “Fundamentos teóricos para uma leitura crítica de *Bárbara* irá trazer uma abordagem teórica referente às temáticas da pesquisa. No terceiro capítulo será feita a análise propriamente dita do conto, e por fim, no quarto capítulo, encontra-se as considerações finais do trabalho.

2. MURILO RUBIÃO, UM ESCRITOR POR EXCELÊNCIA

Murilo Rubião nasceu em Silvestre Ferraz, hoje Carmo de Minas (MG), em junho de 1916, e foi criado em Belo Horizonte, onde morreu em setembro de 1991. Começou a demonstrar interesse pela literatura através das leituras de histórias como as de D. Quixote, Mil e uma noites e histórias da Bíblia. Seu primeiro trabalho informal se deu aos 12 anos, numa casa de balas de um tio, onde colaborou até seus 14 anos.

Em 1935, concluiu o ginásio, assumindo a importante função de orador da turma. Posteriormente, em 1938, ingressou na faculdade de Direito de Minas Gerais. No ano de 1939, juntou-se a um pequeno grupo e fundou a revista Tentativa, na qual desempenhou a função de redator, e ainda no mesmo ano, começou a trabalhar na Folha de Minas como repórter. Em 1942 concluiu seu bacharelado em Direito.

Rubião sempre demonstrou interesse na política, e em 1946 tornou-se oficial do gabinete do interventor do Estado. Anos mais tarde, em 1952, atuou como chefe do gabinete do Governador Juscelino Kubitschek. Em 1966, foi o organizador e fundador do Suplemento Literário de Minas Gerais, estado onde atuou em toda sua carreira vinculada à política. Entre os anos de 1967 a 1975 presidiu setores relacionados à arte e ao serviço público.

Publicou sete livros de contos, O ex-mágico (1947), A estrela vermelha (1953), Os dragões e outros contos (1965), O pirotécnico Zacarias (1974), O convidado (1974), A casa do girassol vermelho (1978) e O homem do boné cinzento e outras histórias. Foi autor de uma obra não tão vasta, pois escreveu 33 contos, mas todos foram reescritos e lapidados à exaustão. Rubião teve sua obra reunida e publicada em 2016, pela editora Companhia das Letras, em virtude da celebração do centenário de seu nascimento.

Recebeu, em vida, algumas premiações e homenagens, dentre elas, a de Personalidade Cultural do Ano (1986); Prêmio Othon Lynch Bezerra de Melo (1948); Comenda Isabel, a Católica (1960) — Espanha; Prêmio Luísa Cláudio de Souza (1975); Medalha da Ordem do Mérito Legislativo (1983); e Medalha de Honra da Inconfidência (1983).

Parte do seu acervo pessoal se encontra no Acervo dos Escritores Mineiros, na Universidade Federal de Minas Gerais, pois ainda em vida manifestou o desejo que parte dele fosse enviado à biblioteca da universidade. Lá estão dispostas fotos,

homenagens, e parte da mobília utilizada por ele enquanto escritor: sua máquina de escrever, estante e mesa.

Murilo Rubião é considerado o precursor do realismo mágico no Brasil, seus contos são joias da narrativa do breve que ainda fascina pela aparente normalidade com que se desvenda um universo feito com atributos do mágico e do fantástico. É interessante observar que em seu primeiro livro publicado, *O Ex-Mágico*, o autor passou seis anos reescrevendo e editando, desenvolvendo assim, uma das suas principais marcas enquanto escritor: a preocupação em lapidar seus textos.

Goulart (2002, p.15) afirma: “Não resta dúvida de que, nesse processo de fazer/refazer, já está instalado o insólito, marca registrada da obra muriliana, caracterizada no fato de o escritor jamais se satisfazer com o que seriam os limites de sua escrita [...]”. Isso explica o motivo de ter produzido um número de contos consideravelmente reduzido, mas com uma carga crítica e literária bem solidificada.

Rubião teve influência de Machado de Assis, Edgar Allan Poe e da Bíblia Sagrada para construir suas narrativas, que unem elementos insólitos, estranhos e absurdos. Todos os 33 contos de Murilo Rubião são precedidos de epígrafes, sendo estes, todos, versículos bíblicos. Alguns desses epígrafes são apenas para fazer algum tipo de referência ao conto, outros, além disso, ainda carregam um tom de ironia.

Pode-se dizer, a partir disso, que sua forma de escrever traz uma renovação para a tradição literária brasileira. Ele tomou como característica de seus textos uma linguagem precisa, clara e objetiva, dedicando-se a trabalhar com símbolos, figuras e também as epígrafes bíblicas.

Sua obra é marcada pela inserção do fantástico no mundo real, utilizando-se de temas relacionados a questões sociais e políticas. O insólito é frequente na narrativa de Murilo Rubião, visto que sua obra é voltada para o gênero fantástico, sendo frequentemente condensada com o estranho, resultando em críticas à sociedade contemporânea.

Mário de Andrade chegou a revelar para Rubião que suas histórias se assemelhavam às de Franz Kafka, curioso, Murilo encomendou traduções da obra de Kafka e pôde perceber realmente a semelhança na criação literária. Essa descoberta fascinante o deixou reflexivo ao ponto de passar quatro anos sem produzir novas obras.

A obra de Rubião pode ser considerada uma narrativa que centraliza o social. É perceptível a preocupação do escritor em relacionar temáticas fantásticas com as sociais. Dos contos que fazem crítica a questões sociais, *Bárbara* é um dos destaques da obra do autor. O conto foi inicialmente publicado em 1945, na coluna de O Jornal, do Rio de Janeiro, com o título “Bárbara: a gorda”

Assim como todos os outros contos que compõem sua obra, “Bárbara” possui uma epígrafe: “O homem que se extraviar do caminho da doutrina terá por morada a assembleia dos gigantes” (Provérbios, XXI, 16). O autor faz uso desse verso bíblico porque menciona “gigantes”, sendo uma referência irônica a Bárbara, pois a personagem é caracterizada por sempre estar fazendo pedidos absurdos e como consequência disso, engorda, tomando proporções físicas incomuns.

Esse círculo vicioso da personagem aponta para o desejo insaciável de possuir, ter para si coisas irrelevantes para a vida cotidiana, reforçando, assim, a ideia que Bárbara tem um vazio dentro de si, e que ela projeta todo o seu vazio nesses pedidos. Esses pedidos são em proporção, semelhantes à sua carência, percorrendo uma dimensão colossal praticamente impossível de serem atingidos.

Murilo Rubião, em sua narrativa, se apropria da prosa poética fantástica, fazendo um balanceamento entre o poético e o fantástico, que é uma característica singular de seus contos. O uso da metamorfose, por exemplo, é um fenômeno do fantástico utilizado por Rubião em diversos de seus contos, e em *Bárbara* não é diferente, há presença de substantivos e adjetivos que declaram a ideia fantasiosa da situação: “colossal barriga”, “terrivelmente gorda”, “gordíssima”.

O enredo conta inicialmente com dois personagens, Bárbara e seu marido, narrador-personagem que não é nomeado e narra em primeira pessoa. Ele se mostra disposto a realizar os pedidos de sua companheira, vivendo em função disso até antes mesmo de se casarem, quando se conheceram na adolescência. Prática essa que se estende até casamento, período em que se intensifica e se desdobra em uma problemática maior.

A relação dos dois é baseada apenas em Bárbara fazer pedidos e seu marido realizá-los, o que resulta em uma relação de companheirismo, e não de amor recíproco. Bello, Cortivo e Souza (2021, p.8) descrevem:

O narrador personagem relata a relação entre eles de uma forma queixosa por causa da ingratidão de Bárbara por todos os desejos realizados por ele, pois não havia contrapartida, ela não demonstrava

qualquer afeição ou dedicação. Portanto, no início da relação, ele até tentou refrear sua mórbida mania compulsiva de pedidos extravagantes.

Apesar da tentativa de refrear os desejos absurdos de Bárbara, o marido não tem êxito. Quando escolheu não atender seus pedidos, a personagem fugia a sua presença e seu corpo definhava de maneira que seu ventre crescia, e a tentativa de reverter a situação era inútil. Observa-se que a narrativa faz claras críticas ao desejo desenfreado pelo consumismo, e como isso afeta não só a pessoa em questão, como também as pessoas do seu vínculo social.

3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA UMA LEITURA CRÍTICA DE “BÁRBARA”

Muito se discute sobre a origem do “conto”, sua nomenclatura e seu espaço enquanto gênero textual. Questionamentos acerca de temas remotos da história são quase sempre incertos, e exigem um estudo detalhado para construir teorias sólidas. Gotlib (2006, p.5) afirma que embora a origem do “contar histórias” seja impossível de se determinar, pois ainda não eram marcados pela tradição escrita, para alguns, os contos dos egípcios seriam os mais antigos, sendo propagados por volta de 4.000 a.C.

Pensando em “conto” na perspectiva de *narrativa*, como o Dicionário Oxford Languages o conceitua “*narrativa* breve e concisa” é possível associá-lo ao compartilhamento de histórias, pois desde os primórdios da civilização, há pessoas contando/narrando histórias, a princípio, oralmente, e posteriormente de forma escrita, perpetuando essa prática até os dias atuais. Sobre isso, Gotlib ainda acrescenta que:

A estória sempre reuniu pessoas que contam o que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e... contam casos. (Gotlib, 2006, p.5)

É importante rememorar a divisão dos gêneros literários na época clássica grega proposta por Aristóteles, o qual os dividiu em três: lírico, épico e dramático. O gênero épico, ou narrativo, era caracterizado pela narrativa de ações nobres praticadas por heróis representativos da história de um determinado povo, sendo,

logo, uma narrativa longa. No mundo clássico greco-latino, *Ilíada* e *Odisséia*, atribuídas a Homero, são as histórias que “inauguram” o gênero narrativo oral.

Gotlib ainda acrescenta que as narrativas passam a ter seus registros escritos no Oriente: a *Pantchatantra* (VI a.C), a mais antiga coleção de fábulas indianas conhecida, escritas em sânscrito, ganha tradução árabe (VII d.C) e inglesa (XVI d.C); as Mil e uma noites, circulam da Pérsia (século X) para o Egito (século XII) e para toda a Europa (século XVIII).

A brevidade diferencia o conto de outros gêneros, e sua estrutura é formada por uma situação inicial, um desenvolvimento e uma situação final, essa divisão é parte essencial para a construção do enredo. Em relação a sua evolução, observa-se que:

[...] o conto tem sofrido frequentes modificações, tanto em sua estrutura, quanto em sua classificação literária. Longo foi o tempo até essa forma narrativa adquirir o status que possui hoje. Anteriormente tido como expressão de menor grandeza, hoje atinge o patamar de gênero nobre, nos séculos XIX e XX. (Ferreira, 2019, p. 309)

Hoje, reconhecido como gênero e ocupando um lugar de destaque na literatura, o conto é cada vez mais apreciado e posto em patamar de nobreza. Ferreira (2019, p. 311) ainda destaca que foi a partir da Semana de Arte Moderna que a produção dos contos tomou um novo foco: as temáticas regionalistas, sendo que essa mudança de perspectiva advém da inserção dos escritores nos espaços urbanos, instaurando, assim, inovações na escrita.

Cortázar (2006, p. 228) descreve que [...] “o conto contemporâneo [...] se propõe como uma máquina infalível e destinada a cumprir sua missão narrativa com a máxima economia de meios [...]” Em relação aos contos contemporâneos, nota-se entre os escritores uma característica comum, a falta de apresentação de um desfecho para a trama, também não há uma tentativa de solucionar a dúvida da natureza do ocorrido, logo, para o leitor, a dúvida sempre estará presente.

A literatura dispõe de uma variedade de tipos de contos: realistas, populares, de fadas, de terror, de humor, infantis, psicológicos, fantásticos, maravilhosos. Na literatura fantástica, o universo criado se distingue da realidade, nessas narrativas sempre há fuga do mundo real, seja através de sonhos ou sensações estranhas que levam os personagens a uma atmosfera distante da realidade.

Segundo Amaral (2022, p.4) o termo fantástico vem do latim *phantasticus*, a etimologia da palavra tem origem no grego *phantastikós*, que significa fantasia. Alguns

estudiosos atribuem a origem do fantástico entre os séculos XVIII e XIX, tendo seu momento de ascensão no século XX.

As narrativas fantásticas apresentam um fenômeno de ambiguidade, de uma dupla possibilidade de interpretação. Sobre isso, (Todorov, 1975, p. 5) define que:

Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, [...] se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. O acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos.

Os fenômenos das narrativas fantásticas podem ser interpretados por meio de causas do tipo natural ou sobrenatural, irá caber ao leitor de que forma vai interpretá-los. Essa possibilidade de transitar entre esses dois mundos é o que caracteriza o fantástico. Muitos leitores escolhem a interpretação sobrenatural das narrativas, como afirma Todorov (1975, p. 9): “Há relatos que contêm elementos sobrenaturais sem que o leitor chegue a interrogar-se nunca sobre sua natureza, porque bem sabe que não deve tomá-los ao pé da letra.”

O conto fantástico é descrito como aquele em que acontecem fatos mágicos ou estranhos sem muita explicação dentro do senso comum e/ou científico (Travaglia, 2007, p.46). Elementos como: mistério, suspense, dúvida e medo, são frequentemente relacionados ao fantástico. O conto passou a ter novas roupagens no século XIX, os enredos passaram a fugir do cotidiano e proporcionar o uso intenso da imaginação, foi então que surgiram os contos fantásticos, esse nome era relacionado às obras que possuíam fantasmas como tema.

O Realismo foi uma escola literária do final do século XIX que teve a intenção de mostrar o mundo da forma como realmente é, explicando o ser humano sem fazer uso de ilusão, além de gerar transformações significativas na maneira das pessoas entenderem a realidade do mundo ao seu redor. Teve como principais características a objetividade, uma exibição das falhas de caráter e denúncia social.

Contudo, na primeira metade do século XX, surgiram na Europa movimentos artísticos que tinham como objetivo romper com a tradicionalidade da arte clássica, esses movimentos ficaram conhecidos como Vanguardas Europeias. Algumas dessas vanguardas, principalmente o Surrealismo, inserem a temática do imaginário, do

onírico, de forma que trouxe um novo conceito de ver o mundo através da arte. Adoun (1979, p.209) descreve que

A arte [...] já não tem a comodidade daquele que tolera ou aceita a mesma realidade que quer transformar, mas se rebela contra ela [...], contra a rigidez da sua lógica, e concebe a criação como uma realidade em si mesma onde vigoram outras leis, outras noções de tempo, de duração, de espaço, de movimento.

Essas correntes artísticas tiveram repercussão mundial, e a literatura sofreu influência delas. A partir disso, escritores latino americanos passaram a escrever seus textos utilizando-se de novas regras. É quando entra em cena o realismo maravilhoso e o realismo mágico que, ainda que utilizados como sinônimos, não são equivalentes. Logo, existem divergências por parte dos críticos acerca da denominação desses gêneros literários.

O realismo maravilhoso e o realismo mágico não estão inseridos em um movimento ou contexto específico, o que constitui esses gêneros literários é o conteúdo da obra de diversos autores que são costumeiramente enquadradas nessa categoria. Chiampi (2008) descreve duas perspectivas do realismo maravilhoso

Maravilhoso é o “extraordinário”, o “insólito”, o que escapa do curso ordinário das coisas e do humano. Maravilhoso é o que contém *maravilha*, do latim *mirabilia*, ou seja, “coisas admiráveis” (belas ou execráveis, boas ou horríveis) contrapostas às *naturalia*. Chiampi (2008 p. 48)

Nessa primeira perspectiva, o maravilhoso se “desvia” da normalidade do cotidiano, há um afastamento do curso natural dos acontecimentos. Por outro lado, Chiampi afirma que

O maravilhoso difere radicalmente do humano: é tudo o que é produzido pela intervenção dos seres sobrenaturais. Aqui já não se trata do grau de afastamento da ordem normal, mas da própria natureza dos fatos e objetos. Pertencem a outra esfera (não humana, não natural, e não tem explicação racional. Chiampi (2008 p. 48)

Logo, o maravilhoso se distancia definitivamente do comum, do que é real, e a atribuição dos fatos se dá a situações sobrenaturais, completamente distintas do plano racional. De maneira geral, entende-se por realismo maravilhoso o que está vinculado com as produções literárias latino-americanas, que trazem o termo “maravilhoso” dos testemunhos e das cartas escritas pelos colonizadores no período das Grandes

Navegações. E, ainda de acordo com Chiampi (2008 p. 43) o termo “Maravilhoso” já é consagrado pelos estudos críticos-literários em geral.

A literatura nos permite percorrer por diversos lugares, conhecer novas pessoas e aprender muitas coisas. Ela desempenha um papel social muito importante antes mesmo de haver a língua a escrita. Por isso, é indispensável observar as relações existentes entre literatura e sociedade, visto que existe uma relação intrínseca entre ambas, como também é essencial perceber de que forma os autores tecem críticas sociais no decorrer das suas narrativas.

Candido (2010, p.29) observando essa relação entre a obra literária e fatores sociais, acrescenta:

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (Candido, 2010, p.29)

A literatura desempenha um de seus papéis ao reforçar nos leitores os valores sociais, ou produzir neles uma perspectiva social crítica. Esses dois extremos caracterizam o poder que a literatura tem sobre o indivíduo e como ela desperta uma visão mais ampla acerca das questões sociais, seja um reforço do que há de bom na sociedade, ou do que é questionável nela.

Esse despertar da criticidade social é pertinente no conto *Bárbara* de Murilo Rubião, visto que há na narrativa uma preocupação em apontar a ânsia da personagem em possuir coisas insignificantes para sua vida pessoal e convívio social. Nesse sentido, o conto carrega uma crítica explícita a esse comportamento consumista.

4. BÁRBARA, A MULHER QUE GOSTAVA APENAS DE PEDIR.

O conto *Bárbara* do escritor brasileiro Murilo Rubião é um dos contos publicados em sua "Obra Completa" foi inicialmente publicado em 1945, na coluna de O Jornal, do Rio de Janeiro, com o título “Bárbara: a gorda”. Apesar de não ser uma obra amplamente conhecida, representa um marco importante para a literatura brasileira, pois enquanto a literatura fantástica tinha força e reconhecimento maior na Colômbia e Argentina, no Brasil não havia escritores para compor esse gênero

literário, até que Rubião decidiu se aventurar nesse universo e produzir contos de cunho fantástico.

A partir disso, Murilo insere no Brasil uma literatura propriamente fantástica, em que há uso de elementos insólitos, estranhos e maravilhosos. Em *Bárbara*, assim como em seus outros contos, é possível perceber a facilidade com que o escritor consegue tecer críticas sociais profundas, utilizando-se de situações cotidianas e temas comuns do convívio social, como o desejo e o amor.

Publicado pela primeira vez em 1945, e com o título “Bárbara, a gorda”, o conto inicia-se com uma epígrafe de um versículo bíblico - elemento presente em todos os contos - fazendo referência à temática do texto. “O homem que se extraviar do caminho da doutrina terá por morada a assembleia dos gigantes” (Provérbios, XXI, 16). Rubião utiliza o verso bíblico em questão pelo fato de fazer referência a “gigantes”, apontando para a personagem Bárbara, que seu corpo “de tão gordo, vários homens, dando as mãos, uns aos outros, não conseguiriam abraçar” (Rubião, 2016, p.22).

Essa referência se dá pelo fato de a personagem ser caracterizada por sempre fazer pedidos absurdos e ilógicos ao seu marido, e o ato de “pedir” a faz engordar desenfreadamente: “Bárbara gostava somente de pedir. Pedia e engordava.” (Rubião, 2016, p.22) A relação entre pedir e engordar percorre todo o enredo do conto, sendo o fio condutor do fantástico na narrativa.

Os personagens que compõem o conto são Bárbara, seu marido e um filho do casal. Bárbara, como já mencionado, é retratada pela constante obsessão em fazer pedidos, e conseqüentemente, engorda a um ponto de ser descrita como “assustadoramente gorda”. É possível associar essa vontade desenfreada por “pedir” com um vazio interno que existe na personagem, afirmando que esses pedidos são em proporção, semelhantes à sua carência.

Outro fato que aponta essa característica incomum, é a maneira com que Bárbara encara o nascimento de seu filho (que não foi desejado por ela) e o trata no decorrer da narrativa, incumbindo a seu marido o dever de cuidar dele.

A insensibilidade da mãe, indiferente ao pranto e à fome do menino, obrigou-me a criá-lo no colo. Enquanto ele chorava por alimento, ela se negava a entregar-lhe os seios volumosos, e cheios de leite. (Rubião, 2016, p. 25).

Esse comportamento se dá, também, pela quebra de expectativa gerada pelo nascimento do filho, pois Bárbara, até então, não sabia qual era a sensação de ter algo que não foi desejado por ela, e sobretudo, ter que “sair de cena” para dar espaço a seu filho: “Desde os primeiros instantes, Bárbara o repeliu [...] apenas por não o ter encomendado”. (Rubião, 2016, p. 24). Outra quebra de expectativa foi a aparência física do filho, que se esperava que ele fosse nascer com as características da mãe, mas “nasceu um ser raquítico e feio, pesando um quilo”. (Rubião, 2016, p. 24)

O narrador-personagem é o marido de Bárbara, que não é nomeado e narra em primeira pessoa. Ele se mostra disposto a realizar os pedidos de sua companheira na maior parte do conto, como acontece também durante todo o percurso do relacionamento deles: “Por mais absurdo que pareça, encontrava-me sempre disposto a lhe satisfazer os caprichos.” (Rubião, 2016, p.22).

Enquanto a personagem faz pedidos absurdos e incomuns e seu marido os realiza, o que ele ganha em troca é uma “frouxa ternura”, e mesmo quando considera relutar quanto às suas exigências, é vencido pelo olhar de Bárbara.

Às vezes relutava em aquiescer às suas exigências, vendo-a engordar incessantemente. Entretanto, não durava muito a minha indecisão. Vencia-me a insistência do seu olhar, que transformava os mais insignificantes pedidos numa ordem formal. (Que ternura lhe vinha aos olhos, que ar convincente o dela ao me fazer tão extravagantes solicitações!) (Rubião, 2016, p.23)

Outro fato evidente na narrativa é o comportamento manipulador da personagem, presente em toda a narrativa, pois até mesmo quando teve alguns de seus pedidos realizados, mostrou insatisfação, mesmo com o esforço contínuo do marido para agradá-la: “— Idiota! — gritou, cuspiendo no meu rosto. — Não lhe pedi um galho.” (Rubião, 2016, p.25) Esse comportamento frequente resulta de seu caráter consumista desenfreado.

Bauman (2005) se detém a investigar de que forma as relações humanas se tornam cada vez mais frágeis e superficiais e descreve que na sociedade contemporânea, essas relações são marcadas pela individualidade, não havendo um referencial moral, e sim uma despreocupação em construir a vida com perspectivas de solidez, criando assim, relações superficiais e individualizadas. Em *Bárbara* é

perceptível observar esse perfil na personagem, pois a relação conjugal dela é marcada por traços desse fenômeno social contemporâneo.

É perceptível que ela não se preocupa em construir bases sólidas na sua relação, e visa apenas desfrutar de seus desejos pessoais que são momentâneos e se renovam constantemente. Com isso, o papel do marido na relação é apenas realizar os seus pedidos, vivendo em torno disso desde o início de seu relacionamento, quando eram apenas adolescentes.

A personagem também apresenta comportamentos atípicos, a ponto de sentir satisfação em ver seu companheiro sendo agredido unicamente para fazê-la feliz.

Apanhei também algumas surras de meninos aos quais era obrigado a agredir unicamente para realizar um desejo de Bárbara. E se retornava com o rosto ferido, maior se lhe tornava o contentamento. Segurava-me a cabeça entre as mãos e sentia-se feliz em acariciar-me a face intumescida, como se as equimoses fossem um presente que eu lhe tivesse dado. (Rubião, 2016, p. 23)

Os pedidos de Bárbara se resumem em coisas absurdas e grandiosas. O primeiro pedido dela na narrativa expressa isso: “Pedi o oceano” (Rubião, 2016, p.24). Neste pedido é possível identificar uma das principais características do fantástico, que é a hesitação entre encarar o fato de forma natural ou sobrenatural, como afirma (Todorov, 2008, p.15) [...] é necessário que o texto obrigue ao leitor [...] a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados.”

O marido, então, trouxe uma pequena garrafa com uma porção de água do oceano que Bárbara recebeu com muito apreço, admirou-a durante algum tempo, nesse meio-tempo, engordava. Esse primeiro pedido de Bárbara na narrativa, reforça fortemente que seus desejos são reflexos de uma mente altamente consumista e despreocupada com as consequências geradas por isso, visto que, para realizar esse pedido, seu marido teve que fazer uma longa viagem ao litoral.

Não obstante, a personagem retornaria a fazer pedidos: “Quando Bárbara se cansou da água do mar, pediu-me um baobá plantado em um terreno ao lado do nosso”. (Rubião, 2016, p.25). Aqui, é possível reafirmar a persistência da personagem em se atrair pela inutilidade, atribuindo a seu marido uma tarefa ainda mais complicada que a primeira: “[...] como o dono do imóvel recusasse vender a árvore

separadamente, tive que adquirir toda a propriedade por preço exorbitante”. (Rubião, 2016, p. 25).

Esse segundo pedido custaria a aquisição de um imóvel completo, visto que o proprietário não venderia a árvore separadamente. Nessa aquisição, o marido recebeu um gesto de carinho (o único da narrativa) ao encontrar seu nome escrito debaixo de um coração no tronco da árvore, mas não alimentou esperança nisso, concluindo que: “Jamais compreenderia o meu amor e engordaria sempre” (Rubião 2016, p.26)

O próximo pedido da personagem custaria ainda mais que o último: “Seria tão feliz se possuísse um navio!”. (Rubião 2016, p.26). Mais uma vez, o marido não mede esforços e realiza seu pedido. Percebe-se então, que, como já mencionado, Bárbara tem um desejo desenfreado de possuir coisas sem relevância alguma para a vida cotidiana, e que o vazio que ela tem, tenta projetar em pedidos.

Esse pedido traria uma falência financeira à família, o que afetaria até mesmo a própria alimentação do filho: “O dinheiro escasso, desde a compra do navio, logo se esgotou. Veio a fome, o guri esperneava, rolava na relva, enchia a boca de terra”. (Rubião, 2016, p. 27). Outro aspecto importante a ser destacado neste pedido é a forma como Bárbara “fantasia” a busca da felicidade em coisas inúteis: “Como poderia saber da beleza de um barco, se nunca tinha visto um e se conhecia o mar somente através de uma garrafa?!” (Rubião, 2016, p. 26).

O pedido seguinte, e último da narrativa, foi o mais incomum de todos: “[...] uma minúscula estrela” (Rubião, 2016, p.28). O marido, então, conclui que esse seria o último pedido de sua companheira: “Aquele seria o derradeiro pedido. Esperei que o fizesse” (Rubião 2016, p.28) e mais uma vez se dispõe a realizá-lo: “Fui buscá-la”, (Rubião 2016, p.28), assim se encerra o conto.

O final em aberto é uma característica dos contos contemporâneos e principalmente dos contos do gênero fantástico, nos quais, o autor não apresenta um desfecho da trama, logo, para o leitor, a dúvida sempre será recorrente e caberá a ele de que forma irá interpretá-lo.

O leitor pode interpretar os acontecimentos considerando que podem ter ocorrido de forma natural ou sobrenatural, como afirma Todorov (1975). Os contos fantásticos, principalmente, têm essa característica marcante de fazer o leitor vacilar entre essa escolha.

Normalmente, ao buscar um texto literário de fantasia, o leitor já tem uma pretensão a interpretar os acontecimentos de forma sobrenatural, já que uma das características do fantástico são os elementos insólitos e irrealis. Logo, qualquer acontecimento que fuja minimamente do natural, já é um impulso para que ele crie um universo fantasioso para a narrativa.

Em *Bárbara* essa atmosfera fantástica ocorre desde o início da narrativa, quando é descrito que ela pedia e engordava. No decorrer de todo o texto e especialmente nos quatro pedidos descritos (o oceano, um baobá, um navio e uma estrela) é comum que o leitor busque a interpretação sobrenatural, visto que, ao serem apresentados na narrativa, o leitor pode sentir dificuldade em associá-lo à realidade.

Acerca do final do conto, quando a personagem pede uma estrela, e o narrador/personagem, seu marido, declara que “foi buscá-la”, é onde se encontra o ápice da atmosfera fantástica do conto, pois o leitor que tem pretensão à interpretação fantástica, considera que de alguma maneira fantasiosa o marido foi buscar a estrela. Além de levar em consideração que, naturalmente, não há possibilidade dele ter ido literalmente buscá-la, visto que a narrativa declara que o dinheiro estava escasso.

Também há a hesitação na interpretação do fato de aquele ser o último pedido de Bárbara. Quando interpretado de maneira fantasiosa, é possível considerar que seria o último porque a personagem pode ter explodido ou estourado.

Por outro lado, existem os leitores que têm os “pés no chão” e interpretam os acontecimentos de forma natural, por mais que não pareça ser possível de se proceder naturalmente. Esses leitores podem considerar que o marido realmente foi buscar a estrela, através de meios naturais, da mesma forma que também pode ter ido buscar o oceano, o baobá e o navio, mesmo parecendo ser impossível na perspectiva natural das coisas.

Em relação ao final da narrativa, os leitores propensos à interpretação natural podem assumir que Bárbara pode ter morrido naturalmente devido a sua gordura excessiva, e por isso, esse pedido seria o último. Essa dupla interpretação do final do conto, traz à tona umas das principais características do fantástico, que, como já foi dito, é a hesitação entre interpretar os acontecimentos de forma natural ou sobrenatural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura permite que o leitor conheça diversos mundos e aprenda infinitas coisas. Das inúmeras lições valiosas que a literatura proporciona, uma delas é a de desempenhar um importante papel social, até mesmo antes de existir a língua escrita, quando as histórias eram repassadas de geração para geração através da oralidade. Logo, essa relação entre literatura e sociedade assume um lugar de grande importância nos estudos de literatura e deve ter lugar de destaque nestes.

Muitos autores utilizam temáticas sociais para compor suas obras, aproveitando esse espaço social para tecer críticas e reforçar essa relação intrínseca entre literatura e sociedade. Murilo Rubião tem um papel muito relevante nesse sentido, pois além de ser o precursor do realismo mágico no Brasil, é responsável por se aventurar em temas consagrados da literatura, como a morte, o amor, o desejo e a falta de sentido do mundo.

Além de se utilizar dessas temáticas universais da literatura, também se apropria de outros temas não tão comuns, como melancolia, tédio, tristeza e a burocracia. Seus personagens, na maioria dos casos, parecem ser oprimidos pela burocracia do dia a dia, e isso gera um sentimento de perplexidade no leitor, porque este não consegue conferir nos personagens esse sentimento, ficando passivos quanto a isso.

Murilo Rubião consegue tratar desses temas com maestria utilizando-se do gênero fantástico em um cenário real, fazendo uso de elementos insólitos, mas que carregam uma crítica real a uma sociedade marcada, muitas vezes por pensamentos consumistas e individualistas. Rubião é especialista em percorrer o universo fantástico sem se desviar de seu objetivo principal – a crítica social – ao mesmo tempo que leva o leitor a explorar o universo fantástico sem se preocupar com a qualidade literária dos textos.

A partir do estudo e análise do conto *Bárbara*, foi possível aprimorar os conhecimentos sobre a relação entre literatura e sociedade, como também aprofundar-se nos conhecimentos acerca dos principais temas do conto: amor, desejo e consumismo. A partir da análise construída nesta pesquisa, pode-se concluir que a leitura de “Bárbara” como também de toda a obra de Murilo Rubião é essencial para todo e qualquer público, uma vez que apresenta temáticas extremamente relevantes.

A pesquisa contribuiu significativamente para a construção acadêmica da graduanda, pois proporcionou que se aprofundasse nas temáticas consagradas da literatura e pudesse ampliar sua criticidade em relação aos temas sociais apresentados na obra. Por fim, é evidente que a narrativa de *Bárbara* proporciona uma leitura leve e descontraída, submersa num universo fantástico que traz inúmeras experiências literárias para o leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADOUN, Jorge Enrique. **O realismo de outra realidade**. In: MORENO, César Fernandés (Coord.) América Latina em sua literatura. São Paulo: Perspectiva, 1979

AMARAL, Bibiana. **A Literatura Fantástica: Percurso Histórico e Conceitual**. Revista Porto das Letras, Vol. 8, Número Especial, Tocantins, 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Ed. 2004, Trad. Carlos Alberto, Zahar, Rio de Janeiro: 2005.

BELLO, Mess; CORTIVO, Raquel; SOUZA, Maria. **Dois contos de Murilo Rubião: entre o gênero fantástico e a estranheza das relações afetivas**. In: Conedu, VI Congresso nacional de educação, Fortaleza: 2021.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Corrigida, 4ª edição, CPAD, Rio de Janeiro, 2009.

Brasil das gerais. Murilo Rubião - parte 2. YouTube, 19 de abril de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mz6OpINu4rl>>. Acesso em: 24 de julho de 2024

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11. ed. Ouro Sobre Azul. Rio de Janeiro: 2010.

CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo maravilhoso**. 2 Ed, cidade: Perspectiva, 2008.

CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto e do conto breve e seus arredores**. In Valise de cronópio. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FERREIRA, Yvonélio. **O conto, da tradição à contemporaneidade: um exemplo em Luiz Vilela**. Revista Teias, out/dez 2019.

GOULART, Audemaro Taranto. **O Fantástico Murilo Rubião**. Revista Itinerários, Araraquara, n. 19, p.15-24, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/index.php/itinerarios/article/viewFile/2651/2335>>.

GOTLIB, Nádia. **Teoria do conto**. 11 Ed, cidade: Ática, 2006

Literatura/generos literarios. In: BRASILESCOLA. Disponível em : <<https://brasilescola.uol.com.br/literatura/generos-literarios.htm>> Acesso em 02 de Agosto de 2024.

Literatura/realismofantástico. In: PORTUGUÊS.COM. Disponível em : <<https://www.portugues.com.br/literatura/realismo-fantastico.html>> Acesso em 29 de setembro de 2024.

Murilo Rubião: vida, características, obras, frases. In: BRASILESCOLA. Disponível em : <<https://brasilescola.uol.com.br/literatura/murilo-rubiao.htm> (site inf. Rubião)> Acesso em 25 de setembro de 2024.

Realismo. In: TADAMATERIAS. Disponível em : <<https://www.todamateria.com.br/realismo/>> Acesso em 10 de Agosto de 2024.

RUBIÃO, Murilo. **Obra completa**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

Significado de conto. *In*: <https://languages.oup.com/> Disponível em: < <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/> > Acesso em: 20 de julho de 2024.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies**. ALFA, v. 51, n. 1: 39-79. São Paulo, 2007.

ANEXO

Bárbara - Murilo Rubião

O homem que se extraviar do caminho da doutrina terá por morada a assembleia dos gigantes. (Provérbios, XXI, 16)

Bárbara gostava somente de pedir. Pedia e engordava.

Por mais absurdo que pareça, encontrava-me sempre disposto a lhe satisfazer os caprichos. Em troca de tão constante dedicação, dela recebi frouxa ternura e pedidos que se renovavam continuamente. Não os retive todos na memória, preocupado em acompanhar o crescimento do seu corpo, se avolumando à medida que se ampliava sua ambição. Se ao menos ela desviasse para mim parte do carinho dispensado às coisas que eu lhe dava, ou não engordasse tanto, pouco me teriam importado os sacrifícios que fiz para lhe contentar a mórbida mania.

Quase da mesma idade, fomos companheiros inseparáveis na meninice, namorados, noivos e, um dia, nos casamos. Ou melhor, agora posso confessar que não passamos de simples companheiros.

Enquanto me perdurou a natural inconsequência da infância, não sofri com as suas esquisitices. Bárbara era menina franzina e não fazia mal que adquirisse formas mais amplas. Assim pensando, muito tombo levei subindo em árvores, onde os olhos ávidos da minha companheira descobriam frutas sem sabor ou ninhos de passarinho. Apanhei também algumas surras de meninos aos quais era obrigado a agredir unicamente para realizar um desejo de Bárbara. E se retornava com o rosto ferido, maior se lhe tornava o contentamento. Segurava-me a cabeça entre as mãos e sentia-se feliz em acariciar-me a face intumescida, como se as equimoses fossem um presente que eu lhe tivesse dado.

Às vezes relutava em aquiescer às suas exigências, vendo-a engordar incessantemente. Entretanto, não durava muito a minha indecisão. Vencia-me a insistência do seu olhar, que transformava os mais insignificantes pedidos numa ordem formal. (Que ternura lhe vinha aos olhos, que ar convincente o dela ao me fazer tão extravagantes solicitações!)

Houve tempo — sim, houve — em que me fiz duro e ameacei abandoná-la ao primeiro pedido que recebesse.

Até certo ponto, minha advertência produziu o efeito desejado. Bárbara se refugiou num mutismo agressivo e se recusava a comer ou conversar comigo. Fugia à minha presença, escondendo-se no quintal, e contaminava o ambiente com uma tristeza que me angustiava. Definhava-lhe o corpo, enquanto lhe crescia assustadoramente o ventre. Desconfiado de que a ausência de pedidos em minha mulher poderia favorecer o aparecimento de uma nova espécie de fenômeno, apavorei-me. O médico me tranquilizou. Aquela barriga imensa prenunciava apenas um filho.

Ingênuas esperanças fizeram-me acreditar que o nascimento da criança eliminasse de vez as estranhas manias de Bárbara. E suspeitando que a sua magreza e palidez fossem prenuncio de grave moléstia, tive medo de que, adoecendo, lhe morresse o filho no ventre. Antes que tal acontecesse, lhe implorei que pedisse algo.

Pedi o oceano.

Não fiz nenhuma objeção e embarquei no mesmo dia, iniciando longa viagem ao litoral. Mas, frente ao mar, atemorizei-me com o seu tamanho. Tive receio de que a minha esposa viesse a engordar em proporção ao pedido, e lhe trouxe somente uma pequena garrafa contendo água do oceano.

No regresso, quis desculpar meu procedimento, porém ela não me prestou atenção. Sofregamente, tomou-me o vidro das mãos e ficou a olhar, maravilhada, o líquido que ele continha. Não mais o largou. Dormia com a garrafinha entre os braços e, quando acordada, colocava-a contra a luz, provava um pouco da água. Entrementes, engordava.

Momentaneamente despreocupeimei-me da exagerada gordura de Bárbara. As minhas apreensões voltavam-se agora para o seu ventre a dilatar-se de forma assustadora. A tal extremo se dilatou que, apesar da compacta massa de banha que lhe cobria o corpo, ela ficava escondida por trás de colossal barriga. Receoso de que dali saísse um gigante, imaginava como seria terrível viver ao lado de uma mulher gordíssima e um filho monstruoso, que poderia ainda herdar da mãe a obsessão de pedir as coisas.

Para meu desapontamento, nasceu um ser raquítico e feio, pesando um quilo.

Desde os primeiros instantes, Bárbara o repeliu. Não por ser miúdo e disforme, mas apenas por não o ter encomendado.

A insensibilidade da mãe, indiferente ao pranto e à fome do menino, obrigou-me a criá-lo no colo. Enquanto ele chorava por alimento, ela se negava a entregar-lhe os seios volumosos, e cheios de leite.

Quando Bárbara se cansou da água do mar, pediu-me um baobá, plantado no terreno ao lado do nosso. De madrugada, após certificar-me de que o garoto dormia tranquilamente, pulei o muro divisório com o quintal do vizinho e arranquei um galho da árvore.

Ao regressar a casa, não esperei que amanhecesse para entregar o presente à minha mulher. Acordei-a, chamando baixinho pelo seu nome. Abriu os olhos, sorridente, adivinhando o motivo por que fora acordada:

— Onde está?

— Aqui. — E lhe exibiu a mão, que trazia oculta nas costas.

— Idiota! — gritou, cuspidando no meu rosto. — Não lhe pedi um galho. — E virou para o canto, sem me dar tempo de explicar que o baobá era demasiado frondoso, medindo cerca de dez metros de altura.

Dias depois, como o dono do imóvel recusasse vender a árvore separadamente, tive que adquirir toda a propriedade por preço exorbitante.

Fechado o negócio, contratei o serviço de alguns homens que, munidos de picaretas e de um guindaste, arrancaram o baobá do solo e o estenderam no chão.

Feliz e saltitante, lembrando uma colegial, Bárbara passava as horas passeando sobre o grosso tronco. Nele também desenhava figuras, escrevia nomes. Encontrei o meu debaixo de um coração, o que muito me comoveu. Esse foi, no entanto, o único gesto de carinho que dela recebi. Alheia à gratidão com que eu recebera a sua lembrança, assistiu ao murchar das folhas e, ao ver seco o baobá, desinteressou-se dele.

Estava terrivelmente gorda. Tentei afastá-la da obsessão, levando-a ao cinema, aos campos de futebol. (O menino tinha que ser carregado nos braços, pois anos após o seu nascimento continuava do mesmo tamanho, sem crescer uma polegada.) A primeira ideia que lhe ocorria, nessas ocasiões, era pedir a máquina de projeção ou a bola, com a qual se entretinham os jogadores. Fazia-me interromper, sob o protesto dos assistentes, a sessão ou a partida, a fim de lhe satisfazer a vontade.

Muito tarde verifiquei a inutilidade dos meus esforços para modificar o comportamento de Bárbara. Jamais compreenderia o meu amor e engordaria sempre.

Deixei que agisse como bem entendesse e aguardei resignadamente novos pedidos. Seriam os últimos. Já gastara uma fortuna com as suas excentricidades.

Afetuosamente, chegou-se para mim, uma tarde, e me alisou os cabelos. Apanhado de surpresa, não atinei de imediato com o motivo do seu procedimento. Ela mesma se encarregou de mostrar a razão:

— Seria tão feliz se possuísse um navio!

— Mas ficaremos pobres, querida. Não teremos com que comprar alimentos e o garoto morrerá de fome.

— Não importa o garoto, teremos um navio, que é a coisa mais bonita do mundo.

Irritado, não pude achar graça nas suas palavras. Como poderia saber da beleza de um barco, se nunca tinha visto um e se conhecia o mar somente através de uma garrafa?!

Contive a raiva e novamente embarquei para o litoral. Dentre os transatlânticos ancorados no porto, escolhi o maior. Mandei que o desmontassem e o fiz transportar à nossa cidade.

Voltava desolado. No último carro de uma das numerosas composições que conduziam partes do navio, meu filho olhava-me inquieto, procurando compreender a razão de tantos e inúteis apitos de trem.

Bárbara, avisada por telegrama, esperava-nos na gare da estação. Recebeu-nos alegremente e até dirigiu um gracejo ao pequeno.

Numa área extensa, formada por vários lotes, Bárbara acompanhou os menores detalhes da montagem da nave. Eu permanecia sentado no chão, aborrecido e triste. Ora olhava o menino, que talvez nunca chegasse a caminhar com as suas perninhas, ora o corpo de minha mulher que, de tão gordo, vários homens, dando as mãos, uns aos outros, não conseguiriam abraçar.

Montado o barco, ela se transferiu para lá e não mais desceu a terra. Passava os dias e as noites no convés, inteiramente abstraída de tudo que não se relacionasse com a nau.

O dinheiro escasso, desde a compra do navio, logo se esgotou. Veio a fome, o guri esperneava, rolava na relva, enchia a boca de terra. Já não me tocava tanto o choro de meu filho. Trazia os olhos dirigidos para minha esposa, esperando que emagrecesse à falta de alimentação.

Não emagreceu. Pelo contrário, adquiriu mais algumas dezenas de quilos. A sua excessiva obesidade não lhe permitia entrar nos beliches e os seus passeios se limitavam ao tombadilho, onde se locomovia com dificuldade.

Eu ficava junto ao menino e, se conseguia burlar a vigilância de minha mulher, roubava pedaços de madeira ou ferro do transatlântico e trocava-os por alimento.

Vi Bárbara, uma noite, olhando fixamente o céu. Quando descobri que dirigia os olhos para a lua, larguei o garoto no chão e subi depressa até o lugar em que ela se encontrava. Procurei, com os melhores argumentos, desviar-lhe a atenção. Em seguida, percebendo a inutilidade das minhas palavras, tentei puxá-la pelos braços. Também não adiantou. O seu corpo era pesado demais para que eu conseguisse arrastá-lo.

Desorientado, sem saber como proceder, encostei-me à amurada. Não lhe vira antes tão grave o rosto, tão fixo o olhar. Aquele seria o derradeiro pedido. Esperei que o fizesse. Ninguém mais a conteria.

Mas, ao cabo de alguns minutos, respirei aliviado. Não pedi a lua, porém uma minúscula estrela, quase invisível a seu lado. Fui buscá-la.